

Instituto para o Ensino Cristão
Departamento de Educação da Associação Geral da IASD

**“ EDUCAÇÃO ADVENTISTA NO CONTEXTO DA
PÓS-MODERNIDADE”**

Por:
Elias Fraga Germanowicz
Departamento de Educação e Ministérios da Família
União Este Brasileira

492-02 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA

Preparado para o
29º. Seminário Internacional de Integração Fé e Ensino
Realizado no
CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA
Engenheiro Coelho, SP – BRASIL
06-18 de Janeiro de 2002

RESUMO

O pós-modernismo provocou mudanças significativas na cultura ocidental. As instituições foram influenciadas positiva ou negativamente. A educação não ficou à margem destas mudanças. A educação adventista, neste contexto, vive um momento decisivo em que deve primar pela formação de novas mentalidades numa visão bíblico-cristã.

INTRODUÇÃO

No limiar do século XXI, a discussão teórica do pós-modernismo dá sinais de esgotamento. O grande projeto sonhado para o mundo ocidental, desde os anos cinquenta do século passado, chegou à prostração, sem esperanças de restabelecimento. O surgimento do “neo” pós-modernismo ou, como querem alguns, do “pós” pós-modernismo, denuncia que os pensadores da cultura ocidental precisam reavaliar o empreendimento idealizado para a humanidade.

A exaustão de uma teoria não significa, no entanto, seu extermínio. Há apenas uma “quebra de safra”. As idéias criadas produzem alimento intelectual do qual algumas gerações ainda se alimentarão e construirão sua visão de mundo. Os indivíduos e as instituições terão de conviver com a constante tarefa de averiguar suas práticas sociais, para decidirem até aonde podem caminhar na formação de cidadãos conscientes do significado da vida.

Não podemos negar que os pensadores do pós-modernismo provocaram um debate de todos os seguimentos da cultura do ocidente a tal ponto de os educadores, de sistemas confessionais ou não, alertarem-se para a formação de mentes pensantes. Não podemos esquecer que essas idéias foram gestadas no seio dos centros acadêmicos mais influentes. Setores onde todos querem buscar a excelência acadêmica.

A educação tanto escolar como do lar tiveram que ser realinhadas neste período de discussão da pós-modernidade. Desse modo, temos dois objetivos básicos com este ensaio. Inicialmente, apresentarmos uma breve descrição do pós-modernismo, em linguagem pouco complexa, compreensível ao leitor que não teve acesso à teoria pós-moderna. Em segundo lugar, verificarmos a relação da educação adventista com o projeto pós-moderno, numa postura de exame de uma proposta de integração fé/ensino/aprendizagem.

O discurso da fé pode ter um campo fértil num cenário de descrença no projeto da razão iluminista. O maior de todos os mestres já dissera: “a semente é a palavra” – o discurso embasado na convicção da verdade bíblica. Além disso, a prática da fé tem respaldo numa sociedade que vivencia o medo, as incertezas, a desconfiança das instituições e dos saberes hegemônicos.

I. O PERCURSO DO TERMO

Uma boa descrição do percurso do termo “pós-modernismo” pode ser lido em Guelfi (1994), da qual anotamos os dados a seguir. O historiador inglês Arnold Toybee foi quem criou o termo “pós-moderno” no início dos anos cinquenta do século xx. Toybee afirmava que

a Civilização Ocidental havia entrado numa “idade da anarquia”, de profunda mutação de valores em virtude da falência da visão racionalista de mundo. Era o fim da idade Moderna iniciada na Renascença. Ruiu a confiança estável na mente consciente. O cenário social abriu-se para a irracionalidade, a anarquia e a indeterminação, ao mesmo tempo em que a classe média burguesa – sustentáculo da Idade Moderna – é substituída por uma sociedade de massa e de consumo.

Sob o horror da I Guerra de trincheiras e da impiedade da II Guerra da bomba atômica, o cenário era propício para crença de que algo irracional estava no interior da modernidade. Alguma coisa não havia sido dominada pela lógica do projeto iluminista. Assim, muitos intelectuais e artistas adotaram o prefixo “pós” como protesto e recusa à maldade inerente ao modernismo. Dentre eles, podemos citar Harry Levin, Irving Howe, Leslie Fiedler, George Steiner e Ihab Hassan.

Tudo o que estava associado ao Modernismo – vasto movimento de renovação cultural (1900 a 1945) – a saber, racionalismo, positivismo, tecnocentrismo, logocentrismo, crença no progresso linear, nas verdades absolutas defendidas pelas instituições estava irremediavelmente ameaçado. O prefixo “pós” relacionado ao Modernismo traz a idéia de decadência dos centros tradicionais de autoridade como a igreja, a escola e a família.

Nos anos sessenta, o termo virou uma obsessão no campo estético e sociológico, ganhando a conotação de uma nova fase, diferente do modernismo. Não fica claro para os teóricos o que significa o pós-modernismo. Mas o aspecto negativo do termo é mudado nos trabalhos de Leslie Fiedler, John Barth e Ihab Hassan. Havia certo consenso de que o modernismo falhara devido ao acirramento dos particularismos raciais, religiosos e lingüísticos; à prevalência do objeto sobre o usuário e da massa sobre o indivíduo; ao triunfo do signo sobre o significado, da imagem sobre os fatos e do sistema de comunicação sobre os receptores (Octavio Paz, apud Perrone-Moisés, 1998:179).

Já nos anos setenta, o termo é adotado pela arquitetura, dança, música, teatro, pintura e cinema. Alguns intelectuais europeus começam a entrar na discussão. Na França, Kristeva e Jean-François Lyotard; na Alemanha, Jürgen Habermas e na Itália, Umberto Eco e Gianni Vattimo. Nos anos oitenta, o assunto toma conta dos ciclos intelectuais em nível de questionamento da Civilização Ocidental.

A discussão aguça-se sobre dois planos: De um lado, aqueles que procuram resgatar a confiança no poder emancipatório da razão iluminista, apoiados, sobretudo no discurso de Habermas. De outro lado, os adeptos de Lyotard, que enfatizam o fim do projeto iluminista, um projeto inviável nas condições pós-modernas, caracterizadas, especialmente pela perda da credibilidade nos metarrelatos fundadores e pela desintegração de categorias que sustentavam a modernidade. (Guelfi, 1994:64).

Nos anos noventa, o debate sobre o pós-modernismo torna-se muito complexo e, é difícil de se definir o termo. Definitivamente, ele não é mais visto como oposição ao modernismo, porém como mais uma face do moderno. Consagram-se novas formas de construção do saber, novas formas de relação entre a arte e a vida, e a ciência obriga-se a se abrir para a poeticidade do espaço e ceder lugar para o caos subjacente na lógica estabelecida. É a luta pela legitimidade de seus discursos em busca de novas formas de

procurar a verdade ou o conhecimento. De fato, não sabemos, neste início de século, se a teoria pós-modernista está em prostração ou convalescença.

II. CONCEITUAÇÃO

O conceito de pós-modernismo é fluido, uma vez que não conta com nenhuma compreensão lógica. Seus contornos não são nítidos e está voltado mais para o terreno da descontinuidade, da fragmentação e diferenças. Além disso, atravessa universos tão distintos como a moda, a culinária e decoração, a filosofia da ciência, hábito de comportamento até aos mais complexos problemas de ordem epistemológica.

O pós-modernismo está em busca de sua própria definição. Mas podemos afirmar que se refere a uma vasta constelação de teorias, de conceitos, práticas artísticas e culturais, configurações heterogêneas, asperamente distintas, fugidias, fluidas, que trazem à tona os temas da desconfiança das metanarrativas, da indecibilidade, do incomensurável, bem como uma série de termos – como destotalização, desreferencialização e destemporalização –, que refletem em seus prefixos a desconstrução de certos conceitos essenciais do pensamento ocidental. Além disso, agrega a si a possibilidade da probabilidade (do acaso) o princípio da indeterminação de Heisenberg, a desordem nos processos naturais e as teorias científicas de Karl Popper em termos da “falsificação” e “verificabilidade” (Guelfi, 1994:16;31).

Desmembramos esse conceito, embasados na leitura de Guelfi (1994).

1. Metanarrativas

Lyotard (1993:32-33) entende como metanarrativa as narrações com uma função legitimante da verdade. No ocidente, podemos citar como exemplos de metanarrativa, o projeto iluminista do progresso através do conhecimento, pelo qual a humanidade ficaria livre da ignorância; a utopia marxista de libertação do homem da exploração, através da luta revolucionária do proletariado; a doutrina capitalista de emancipação da humanidade e de extirpação da pobreza, por meio do crescimento do mercado. Nesse cenário, não havia espaço para o conhecimento revelado.

O objetivo comum desses metarrelatos era conduzir a humanidade a uma harmonia universal, à paz e à felicidade. Um mundo sem problemas insolúveis. Assim, tudo estaria sob o controle da mão do homem. Os métodos e as técnicas resolveriam praticamente, senão, todas as dificuldades.

Nos contornos pós-modernos, o que ocorre é uma incredulidade em relação aos discursos legitimadores dos procedimentos científicos e de suas descobertas vistas, a partir de então, sob suspeita: a descoberta e as invenções são para a libertação ou o massacre? Essa desconfiança precede o século xx, como é visto no nihilismo de Friedrich Nietzsche. O filósofo alemão defendia a tese de que a realidade só é possível inventada, isto é, criada. Ele é por vezes considerado o pai ou precursor do pós-modernismo. Anunciado que Deus está morto, Nietzsche salientava que não havia mais fundamento para as coisas, nenhuma base sobre a qual colocar nossas crenças. Portanto, seres humanos têm tanto a oportunidade como a responsabilidade de criar seu próprio mundo (Landy, 1996:5). Ficou problemática a distinção entre realidade e a construção da mesma pela linguagem.

O pós-modernismo denuncia a falha em que incorreram as instituições que foram sustentáculos das metanarrativas. A escola, para Lyotard (1993:115), esqueceu de formar cidadãos, seu interesse fincou-se na performance dos educandos. Além disso, o teórico francês adverte que os metarrelatos saem dos séculos XIX e XX acusados de crimes contra a humanidade.

2. Destotalização

Esse termo objetiva mostrar a crise dos relatos que legitimavam o verdadeiro, o justo e o belo. Foi depois do século XVIII que a legitimação do conhecimento deixou de ser a linguagem narrativa. A pragmática do conhecimento científico iniciou o combate a essa forma de legitimação, impondo um rigor de uma estrutura de autoridade bem distinta, passando a ser a grande narrativa dos relatos fundadores do saber, da ordem, da política e das práticas sociais. Qualquer narrativa particular (descoberta, invenção, discursos, sistemas educacionais) teve que, a partir de então, ser aferida pelo metarrelato da Ilustração confirmada pela Revolução Francesa. Fora desse paradigma, qualquer forma de conhecimento não era legitimada.

A destotalização seria, assim, a abertura da forma reguladora da lógica para a aceitação da pluralidade e sistemas formais, contraditórios, dissensos e paradoxais. Para Lyotard (1988:12), essa abertura se impôs a partir das duas grandes guerras mundiais. Há um desencanto, no ocidente, pela razão iluminista e pelos ideais libertários da Revolução Francesa e um conseqüente desprestígio dos sistemas totalizadores, articulados ideologicamente com os diferentes autoritarismos surgidos na modernidade.

Assim, a pós-modernidade ufana-se de ser democraticamente fragmentada, antitotalitária, aberta à inteligência heterogênea e ao que estar à margem no cotidiano social (Guelfi, 1994:44). Os pós-modernistas crêem que os despotismos dominantes dos dois últimos séculos tenham sido fruto da totalização do saber hegemônico. No fundo, não há lógica na razão. O objeto científico neutro nunca existiu, é subjetivo, pois depende do sujeito para vir à tona, portanto é impregnado da autobiografia daquele que era considerado o inventor ou da instituição que o financiava. A imposição da "descoberta" era condição da manutenção do poder.

3. Desreferencialização

Esse termo significa a descrença pós-moderna de que a verdade exista em um determinado lugar e que o homem dotado da racionalidade descubra-a. Os pensadores Vattimo, Lyotard, Jameson e Baudrillard defendem o contínuo enfraquecimento do ser como sujeito doador de sentido e a dissolução da idéia de realidade como algo que pode ser racionalmente compreendido e aprisionado numa representação correspondente. A verdade e a realidade são consideradas como resultado de uma pluralidade de jogos de linguagem e o esvaziamento de referências substanciais do real. Os constantes vocábulos "jogo", "idecibilidade" e "simulacro", usados por esses teóricos, revelam as fortes mutações na ordem das representações do estatuto da verdade.

4. Destemporalização

É o intenso questionamento da doutrina num princípio fundador da história e de seu *telos*. A noção de tempo defendido pelos pós-modernos é de um tempo sem fronteiras, sem passado e sem futuro, apenas repleto de “agoras”. A palavra “moderno”, quando surgiu na Idade Média (Jauss, 1978:5), designava a fronteira entre a atualidade do Novo cristão e a Antigüidade romana. O cristianismo fazia questão de usar tal termo para deixar claro que iniciava uma nova fase na história humana, em oposição ao mundo pagão. No pensamento cristão, a idéia de sucessão é fundamental: os acontecimentos do passado dão sentido ao presente e orientam para o futuro. O sentido de tudo o que acontece só será cabalmente compreendido pelo que vier a acontecer depois.

Na discussão pós-moderna, o Ocidente adotou a fórmula de sucessão, esvaziou-a do caráter místico, preencheu-a de elementos seculares e implantou a idéia história como progresso, num tempo linear. Desde o Século das Luzes, a cultura ocidental misturou indistintamente as duas idéias e produziu uma obsessão pela idéia de progresso. Até as produções antigas são submetidas ao crivo da razão.

Essa idéia marca o início de uma nova mentalidade. Em vez de tomar o passado como ponto de referência da perfeição, projeta-se o ideal de perfeição para o futuro. Isso pode ser visto tanto no marxismo, no evolucionismo como nas práticas escolares de avaliações, por exemplo. Destituídos de valores místicos, a história como progresso gesta a idéia de uma filosofia moral, que prescindia da religião revelada. Muitos filósofos da época fundamentam a moral em bases leigas. (Guelfi, 1994:52-57).

Tudo isso, essa metodologia de construir a história provocou, segundo os pós-modernos, a exclusão da história dos oprimidos, do diferente como o Índio, que passou a ser considerado apenas um elemento exótico, e da escravidão como algo necessário para uma burguesia emergente. Assim, massacres e injustiças foram cometidos em nome do progresso.

5. Teoria do caos

“Desde que essa teoria surgiu, ganha seguidores em ramos distintos como a matemática, a medicina, a astronomia, a química, a física e a biologia. As equações propostas por essa teoria procuram descrever fenômenos complexos como os relâmpagos e a multiplicação das células de um embrião. Mostra que há uma ordem oculta em tudo que, à primeira vista, parece caótico. Choca-se com a linearidade de Euclides e a física determinista de Newton. Vinculada a essa teoria, surge, nos anos setenta do século XIX, o conceito de fractal, criado pelo matemático Benoit Mandelbrot, quando percebeu que as curvas fraturais longe de serem exceções, são a regra na natureza” (Guelfi, 1994:67).

No campo social, a teoria do caos se estende para a discussão da irracionalidade. Os pós-modernistas afirmam que os sistemas cibernéticos, as maiores potências políticas, os grandes grupos econômicos têm como conselheiros cartomantes, quiromantes, ocultistas que estão ligados ao aspecto da ilógica e da irracionalidade. Logo, concluem, a lógica só tem sustentação graças ao discurso da irracionalidade. É, pois, tempo de abrir espaço para que saiam dos bastidores bruxos, duendes, orixás, entidades espirituais, pois seus discursos

possuem conhecimentos úteis à humanidade. Não podem ser taxados de loucos e diabólicos.

6. Princípio da indeterminação

Preocupado em relacionar física e filosofia, Carl W. Heisenberg desenvolveu importantes pesquisas no campo de mecânica quântica. As conseqüências de seu “princípio da incerteza” ou “indeterminação” são importantes principalmente com relação ao problema da causalidade. De acordo com esse princípio, afirma-se a impossibilidade de medir de forma precisa a trajetória de uma partícula subatômica, por não se poder determinar com a mesma precisão sua velocidade e sua posição. Esse princípio gerou o questionamento das noções de espaço e movimento da física clássica. Na Metafísica, o indeterminismo é uma concepção segundo a qual os eventos não possuem causas determinadas, não podendo ser previstos nem explicados a partir de leis gerais, estando sujeitos ao acaso e à contingência (Guelfi, 1994:67).

7. Falsificabilidade

Diz respeito à teoria de Karl Popper, influente filósofo da ciência contemporânea, que desenvolveu uma concepção da lógica e da metodologia da ciência, formulando a noção de falsificabilidade como critério fundamental para a caracterização das teorias científicas. Tenta superar o problema da impossibilidade de verificação definitiva de uma hipótese através do método indutivo encontrado na ciência. Para ele, nenhuma teoria jamais pode ser fundamentada de forma conclusiva, sendo o conhecimento essencialmente conjuntural e a certeza definitivamente impossível (Guelfi, 1994:68).

III. PRESSUPOSTOS DO PÓS-MODERNISMO

Tanto a teoria do caos, como o princípio da indeterminação, a falsificabilidade – ou qualquer iniciativa nessa direção – são apoiados pelo pós-modernismo, sem que sejam abandonadas aquelas apoiadas na lógica iluminista.

Promovendo tudo que ponha em xeque a razão dos metarrelatos, o pós-modernismo tenta demover a legitimidade da razão iluminista. Foucault, por exemplo, afirma que sua função é mostrar às pessoas que alguns temas construídos num certo momento da história podem ser criticados e destruídos. “Mudar algo nas mentes das pessoas – esta é a função de um intelectual”, diz ele (Ball, apud Oliver, 2001:9).

A desconstrução é a teoria pós-moderna desenvolvida por Jacques Derrida. Para ele, não há sentido evidente. A linguagem é uma representação da realidade, mas não a realidade em si. Ele contesta o modernismo devido a sua confiança excessiva no “logocentrismo”, porque isso está ligado à metafísica da presença (Grenz apud Oliver, 2001:9). Ele afirma que a metafísica foi descentralizada, deslocada, “desviada de seu lugar, e forçada a parar de se considerar como cultura de referência” sendo, pois, substituída pelo “etnocentrismo” (Derrida apud Oliver, 2001:9).

Vendo a impossibilidade de lutar contra os sistemas, o pós-modernismo se propõe a mostrar as incoerências, as contradições, os equívocos na base dos metarrelatos. É sobre essa base que se firma toda a esperança pós-moderna. Sem proporem nada, os teóricos

trabalham nas fissuras deixadas pela lógica e suas instituições para proporem a pluralidade, a heterogeneidade e a abertura para os que pensam diferente e que vivem à margem, isto é, os “excêntricos” – fora dos centros.

Os mesmos filósofos e políticos do iluminismo que declararam, em teorias e leis humanistas, a igualdade e a liberdade a todo homem, tinham escravos. Passaram-se então séculos discutindo que homem é esse citado nos seus códigos universais. A eleição de tal indivíduo foi feita a custa das piores barbáries. Assim discutem os pensadores pós-modernistas como Lyotard, Derrida, Foucault, Vattimo entre outros.

Finalmente, poderíamos sintetizar o pós-modernismo afirmando ser um movimento intelectual de intenso questionamento da modernidade e que discute: certas formas de racionalidade (cartesiana, newtoniana e positivista) que fundamentaram os principais modelos de ciência; o poder dos centros geradores de significados homogêneos para todas as atividades políticas e culturais do Ocidente; a sociedade como um labirinto de espelhos que refletem simulacros; o progresso e a ciência como fontes de verdade, libertação e justiça para a humanidade; o homem vivendo num emaranhado de signos de linguagem; a transmissão dos fatos como mera construção de linguagem; a pluralização das percepções da realidade desvinculada de projetos utópicos; a abertura de fendas entre discursos hegemônicos; eleição de projetos setorizados, de lutas do cotidiano das minorias “excêntricas” (fora dos centros do logocentrismo), procurando identidades culturais contemporâneas com o resgate da história dos marginalizados, para recuperar o valor da diferença; substituição da verdade pelo perspectivismo, etc.

A luta, nestes últimos cinquenta anos, vem deslocando-se do eixo dos direitos de classe para do respeito a grupos (como negros, índios, homossexuais, crianças, idosos, mulheres, deficientes, aborígenes, ianques, etc.) deixados à margem da história do progresso e de projetos utópicos. Além disso, aceitação de estilos de vida abomináveis, consentimento do senso comum nas instituições, o direito à contestação e aos privilégios sem “responsabilidade”. Destronar o poder e todas as instituições que tenham uma história ligada ao cristianismo, contestar e incomodar qualquer forma de poder hegemônico é um dos alvos pós-modernistas.

IV. EDUCAÇÃO ADVENTISTA: PRESSUPOSTOS

A grande questão da educação é “o que e como ensinar?”. Sem dúvida, o início da solução dessa problemática está no conceito que se estabelece para educação. Na segunda metade do século xx o debate sobre esse problema acirrou-se entre estas duas posturas: a prática e a teoria. Os teóricos pós-modernos têm criticado severamente o papel da escola que se volta somente para a prática e para um ensino sem complexidade teórica. Segundo eles, a performance técnica e a simplicidade teórica não formam cidadãos, apenas pessoas adestradas a operar a máquina do progresso, constituindo, assim, mais uma forma de dominação.

Os princípios da educação adventista são tirados da Bíblia e dos livros de Ellen White. Para a autora (1996:30), “a obra da educação e da redenção são uma” coisa só. Desse modo, ela coloca o assunto educacional no centro do tema do Grande Conflito e do Plano da Redenção e é nessa perspectiva que devemos analisar os processos educativos. Assim se expressa Douglass (2001:344), pesquisador dos escritos de White:

Em parte alguma dos escritos de Ellen White, encontramos os princípios do Tema do Grande Conflito mais explicitamente desdobrados do que em seus escritos sobre princípios educativos. Sua maneira de entender a redenção como “restauração” está no próprio âmago de sua filosofia educacional.

Toda a prática educativa deve, portanto, estar sob o imperativo: “Educar é redimir”. Qualquer atividade teórica ou prática tem que ser direcionada à restauração do indivíduo. Num processo de educação formal ou não, ao ser humano, deve ser dada a oportunidade de buscar e encontrar o que ele perdeu quando fora criado. White (1996: 15-16) deixa claro esse objetivo da educação:

Restaurar no homem a imagem de seu Criador, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação – tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida.

Não existe nenhum relato escrito mais perfeito que explique a história da remissão do homem do que a Bíblia. Logo, os princípios de educação devem ser bíblicos. Todo o saber tem sua fonte na Bíblia, e o trabalho educacional precisa considerar tanto a vida humana quanto os propósitos de Deus expressos na Bíblia. Uma educação nessa perspectiva vai além da disciplina da mente e “adestramento físico. Fortalece o caráter de modo que a verdade e a retidão não são sacrificadas” (White, 1996:18).

Quando colocamos essa idéia, muitos professores se questionam sobre a validade de tais princípios atualmente nas escolas e, logo perguntam: “vou ensinar somente Bíblia e não vou dar matéria? Em termos práticos, como ficam os alunos que precisam enfrentar o mercado numa sociedade cada vez mais competitiva? A resposta de White (1992:410) é esclarecedora: “É bom e mesmo essencial obter um conhecimento do mundo em que vivemos; mas se deixarmos a eternidade fora de nossa cogitação, cometeremos uma falha”.

Assim, a cosmovisão bíblica deve permear a prática educativa. A escritora não descarta a pesquisa científica, mas adverte-nos quanto ao risco de deixarmos de fora tais estudos do tema do Grande Conflito. Somente à luz da Bíblia, a pesquisa, as descobertas, as invenções, as práticas, o lazer, as teorias e a vida assumirão significados satisfatórios. Se o professor adotar essa metodologia, de forma intencional, planejada e deixar fluir naturalmente em suas aulas, estará participando do processo redentivo. Douglass (2001:XV) põe nos seguintes termos a visão whiteana a respeito:

Ela [White] sabia que a fé está em perigo toda vez que impomos limites à pesquisa por temor de que novas descobertas possam desestabilizar a fé. Muitas vezes, porém, ela torna evidente que nossa fé também corre riscos quando permitimos que a razão ou os sentimentos humanos estabeleçam limites da fé. Para ela, a verdade deve ser honrada, custe o que custar.”

Não há como compreender o plano da redenção do homem sem os princípios de educação. E não podemos educar sem a visão do plano da redenção. Isso deve ser o principal pressuposto das teorias e das práticas educativas. Uma pessoa convive, durante

sua existência, mais tempo em escolas, sob a orientação de professores, do que em igrejas sob a orientação sacerdotal. A responsabilidade da escola sobre a vida do ser humano é grande. O encargo da remissão do ser humano, nesse sentido, está mais sob a direção escolástica. O conceito e a prática educacional são decisivos na salvação do ser humano. É como já foi supracitado: a educação está no âmago do tema do plano da redenção.

Numa sociedade em que os sistemas educacionais estão na UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), em que a própria ciência questiona seus métodos e descobertas, o ser humano duvida do conceito de verdade, vive descrente de todo projeto humano, com medo de perder as garantias de seus direitos, um espaço desafiador, mas propício, está construído para educação ser desenvolvida com princípios bíblicos. Cremos que este é o momento importante para a educação adventista.

Nesse contexto, a educação adventista deve primar mais firmemente seus valores nos princípios bíblicos. Passaremos a mostrar, nos próximos parágrafos, o diferencial da educação adventista em relação à teoria pós-moderna que é adotada por educadores não cristãos.

1. A verdade

A verdade na visão bíblica não é um simulacro. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14: 6). A verdade é a pessoa de Jesus. Deus dotou homens e mulheres – os profetas – para transmitir a verdade aos semelhantes. Em extensão a essa dotação estão os professores. Quando ela não é praticada não significa que não exista. Toda linguagem humana está com seu signo alterado, sendo deficiente na transmissão da verdade. O problema desloca-se de sua existência para a deficiência lingüística, por isso métodos educacionais devem ser estudados e aplicados para que o homem chegue ao pleno conhecimento da verdade. Se a escola não busca a verdade que existe, independentemente da criação humana, perde o sentido. Nada mais tem significação ao se perder a referência.

A dificuldade dos pós-modernistas é que não conseguem ver a vida além de um projeto humano, vêem o homem apenas como sujeito enleado na linguagem no campo lingüístico, assujeitado no campo sociológico, cidadão de um país na política, proletário no marxismo, animal evoluído, no darwinismo, todos perdidos num labirinto de espelhos, num mundo de dominados e dominadores. Nada, portanto tem sentido teleológico.

Em contrapartida, a educação adventista vê o homem como um ser criado à imagem de Deus, dotado de livre-arbítrio, caído, mas com a certeza de resgate pelo plano da redenção/educação. O professor precisa ter em mente a certeza da referência. Não estamos em busca do referencial, por isso temos um sentido para tudo o que acontece.

2. A história

A história teve um começo e terá seu fim. O processo da vida humana está em degradação e não em desenvolvimento. A educação adventista crê em um início da história humana e no seu fim. O sentido da vida se pauta por essa noção. Isso confere dignidade ao homem em saber que ele está dentro de um plano que o contempla. A história com princípios bíblicos não é um amontoado de linguagem que objetiva a dominação. Mais,

profundamente, está a problemática do Grande Conflito que confere ao homem a certeza de que, sob a luta humana para dominar os menos favorecidos, Deus está no comando.

A destemporalização pós-modernista descarta a história nos moldes bíblicos por desconsiderar o plano da redenção.

3. A questão da inclusão (preocupação com o outro)

A Bíblia sempre teve cuidado de orientar o povo de Deus, através de conselhos e de leis severas, quanto ao respeito a cidadãos considerados menos favorecidos e excluídos. Temos exemplos bíblicos que demonstram isso. Em relação aos deficientes, a lei mosaica era clara: “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego” (Lev. 19: 14). Sobre o estrangeiro, em Levítico 19:33, lemos: “Se o estrangeiro peregrinar na vossa terra, não o oprimireis. Como o natural, será entre vós o estrangeiro”. Em relação às crianças temos o maior exemplo em Jesus, ao colocá-las no colo sendo imperativo: “Deixai vir a mim as criancinhas” (Mat. 19:14).

4. Quanto à posição da mulher

Na visita à casa de Lázaro, Jesus não reprovou o fato de Maria estar na sala, um espaço delimitado socialmente para o homem somente. Além disso, naquela sociedade machista, seriam incoerentes orientações dirigidas às mulheres unicamente. Quando a Bíblia diz, por exemplo, “não cobiçarás a mulher do teu próximo”, não é porque a vê objeto do homem, mas porque o homem abusava do poder, impondo a ela situações humilhantes. Assim, as orientações para os homens são mais repreensões do que discurso de opressão da mulher, mas de sua salvaguarda como ser humano.

Além desses exemplos, outros podem ser destacados em que a Bíblia tem o cuidado de orientar a humanidade sobre o trato social com órfãos, viúvas, etc, afirmando de que todos conheçam a Deus como de fato Ele é. A Bíblia é a principal metanarrativa – para usar um termo pós-moderno – que dá sentido a todos os outros metarrelatos.

5. O rompimento com a tradição

O pós-modernismo acusa o projeto do progresso, pois trabalha contra a tradição. Neste ponto, a orientação bíblica é totalmente voltada para o que Deus fez aos antepassados. Os acontecimentos ocorridos deveriam ser contados sistematicamente à nova geração, como antídoto contra o esquecimento e orientação sobre os eventos futuros. O objetivo é o reconhecimento contínuo do poder de Deus na vida do ser humano.

6. Complexidade teórica

Dentro desse aspecto, podemos discordar da proposta pós-moderna de que a complexidade teórica é um antídoto à dominação. Para a E. White, é exatamente o contrário. O conhecimento deve ser claro a tal ponto que tanto um douto como uma criança consiga digeri-lo sem maiores dificuldades. O problema da leitura não é a simplicidade, mas o método, a quantidade e a intensidade: “Com a imensa maré de material impresso (...) [as pessoas] formam o hábito de leitura apressada e superficial, e a mente perde a sua capacidade para um pensamento contínuo e rigoroso” (White, 1988: 415). “A acumulação de

muitos livros para o estudo (...) um montão de conhecimentos (...) enfraquece o espírito” (White, 1985: 189)

V. INTEGRAÇÃO FÉ/ENSINO/APRENDIZAGEM

A fé tem de ser acessível aos alunos mergulhados neste contexto da pós-modernidade. Alguns passos decisivos devem ser tomados por todos os profissionais que trabalham na educação adventista, no sentido de alcançarem os objetivos da integração: fé/ensino/aprendizagem. Destacamos quatro aspectos que devem ser trabalhados intencionalmente nesse sentido: *o professor, o currículo, o material didático e o ambiente.*

1. O professor

“Bem-aventurado é o homem que não anda no conselho dos ímpios” (Sal. 1:1). A expressão “conselho dos ímpios” pode se referir tanto a uma conversa do dia-a-dia, como a atividades intelectuais mais bem elaboradas. Neste caso, o professor precisa ver, antes de acatar qualquer teoria, de quem e de onde ela está vindo. Uma vez que os pós-modernos afirmam que muitas das descobertas científico-sociais modernistas não passaram de autobiografias tendenciosas, seria o caso de observarmos também o estilo de vida dos teóricos da pós-modernidade. A leitura de algumas biografias desses teóricos causará surpresa a muitos. A vilanagem teórica virá à tona e perceberemos que nestes últimos cinqüenta anos, especialmente, muita água turva foi direcionada aos moinhos teóricos sem ter produzido bom trigo.

No entanto, “como cristãos podemos concordar com o pós-modernismo (...) em suas afirmações que nosso conhecimento é limitado, que a razão é uma via inadequada ao absoluto e que a linguagem tanto molda como limita o conhecimento” (Landy, 1996:8). Na verdade, a inadequação do pós-modernismo está em seus pressupostos. Ellen White (1996:445) adverte-nos quanto às belas teorias humanas desvinculadas da visão do Grande Conflito: “Talvez o autor professe ensinar uma lição de moral, pode entretecer na obra sentimentos religiosos; freqüentemente, porém, isso não serve senão para velar a loucura e a vileza que se acham no fundo”.

O professor necessita, portanto, ter experiência com Deus e sua Palavra. Concomitantemente a isso, deve ser preparado para fazer frente a teorias que penetram sutilmente nos centros acadêmicos para não serem seduzidos por elas. É-nos apropriado esse conselho whiteano:

Outra fonte de perigos contra que devemos estar constantemente de sobreaviso é a leitura de autores ateus (...). É verdade que alguns dos que por elas são afetados podem refazer-se finalmente; mas todos os que se põem ao alcance de suas más influências colocam-se no terreno de Satanás, e ele tira disto a maior vantagem. Convidando eles as suas tentações, não têm sabedoria para discernir nem força para a elas resistir. Com um poder fascinante, sedutor, a incredulidade se apodera da mente. (White, 1996: 135, 136)

Se bem que o professor tenha de procurar viver a fé que professa, é fundamental ser preparado academicamente em centros denominacionais para que adquira conhecimento

numa visão bíblico-cristã. A ordem de Jesus do “Ide”, “Ensinar” e “Fazer discípulos” é significativa no contexto educacional. Precisamos fazer discípulos – professores – com mentes cristãs. Fortalecer os cursos oferecidos no sistema organizacional da igreja é um imperativo na atividade educacional. Muitas vezes, pelas mais diversas razões, fazemos discípulos em mentes seculares, financiando estudos em *campus* ateus.

O professor é mais do que um transmissor de informações e “feitor de cabeças” com conhecimento. Ele é um modelador de caracteres, para o pleno exercício da cidadania terrena e celestial.

Ele é um agente de reconciliação empenhado em “... procurar e salvar o que está perdido” (Knight, 2001:211). Resgatar seus alunos do pecado à justiça é a maior conquista do professor cristão. Todavia, para realizar essa magna obra torna-se imperativo uma parceria, senão total dependência, com o Espírito Santo e com os anjos não caídos, o que chamamos de integração fé e ensino.

2. O Currículo

Ao ser elaborado, deve contemplar os conteúdos: *formal, informal e oculto*, tendo em mente o conceito da natureza do homem como um todo. Jamais devemos priorizar apenas uma habilidade ou um aspecto do educando. O currículo deficiente é aquele que contempla alguns aspectos em detrimento de outros. Isso nos faz lembrar uma historinha da reprovação escolar da águia, pois o currículo da escola da floresta onde foi matriculada, só apreciava as modalidades de saltar, nadar, subir em árvores e rastejar. Já pensou se houvesse a habilidade de voar nas nuvens? É cômico, mas podemos incorrer na mesma falha deixando de fora do currículo a cosmovisão de remissão do aluno. “A Bíblia não foi dada à família humana para ser sua enciclopédia máxima, mas para transmitir uma visão global que ajudasse a interpretar e aplicar as informações” (Douglass, 2000:347).

Em outras palavras, a cosmovisão da Bíblia deve ser a base de qualquer currículo. Isso “não significa que ela deva ser o único livro didático” (Douglass, 2000:347) para disciplinas específicas, pois não foi escrita com este propósito. Significa sim que todos os conteúdos devem estar dentro da estrutura da visão global bíblica. Finalmente, como declara Humberto M. Rasi (2001:4) na “Declaração da Filosofia Educacional Adventista do Sétimo Dia”.

Um currículo equilibrado fomentará o desenvolvimento integral da vida espiritual, intelectual, física, emocional e vocacional. Todas as áreas de estudo serão examinadas do ponto de vista de uma cosmovisão bíblica, dentro do contexto do tema do grande conflito entre o bem e o mal, promovendo a integração da fé ao aprendizado.

3. O material didático

Em especial o livro didático, numa visão bíblico-cristã, deve contemplar tanto os aspectos extrínsecos como intrínsecos. Os primeiros dizem respeito ao que material palpável do livro: simetria, cor, tamanho, imagens, figuras, espessura, letras, diagramação, etc. Os segundos são os aspectos referentes ao conteúdo, à metodologia dos exercícios, aos conceitos, e ao fundo ideológico, ou metanarrativo.

O livro de gramática, por exemplo, deve ter como objetivo a formação de uma linguagem pura, benévola, verdadeira, domínio no uso da palavra e não meramente as normas cultas da língua. O de história, por sua vez, precisa ir além dos relatos de queda e surgimento de governos e partidos políticos, intriga, derrota, ambição, crime, atrocidades. Deve trabalhar as causas que determinam todas essas coisas. Por outro lado, os de matemática podem conter orientação de como o estudante “fazer com precisão as contas de seus próprios ganhos e gastos” (White, 1996:238-239). Nos livros de geometria, física e química, a grandiosidade de Deus e a dependência do homem devem ser abordadas. A imensidão do universo, a força da natureza e funcionamento das desses sistemas têm nesses livros um espaço importante para a discussão da cosmovisão bíblica. Quanto aos de literatura, ou simplesmente de leitura, a integração fé-ensino tem espaço privilegiado.

Tudo deve acontecer dentro da cosmovisão bíblico-cristã. A mente saudável tem na Bíblia a segurança de estar sendo redimida.

Nada há melhor calculado para dar vigor à mente e fortalecer o intelecto do que o estudo da Palavra de Deus. Nenhum outro livro é tão poderoso para elevar os pensamentos, para dar lugar as faculdades, como as amplas e enobrecedoras verdades da Bíblia. White, (1992:460).

4. O ambiente

O ambiente escolar carece ser elaborado de modo que inspire no educando confiança, a dependência de Deus e de sentir a alegria da salvação. Portanto, o educador deve adotar algumas posturas:

- a) O fortalecimento dos relacionamentos interpessoais: professor-aluno e professor-professor e com os demais segmentos da escola.
- b) breve meditação no início de cada aula.
- c) oração antes e ao término das aulas e em situações especiais.
- d) A chamada de presença feita nome por nome.
- e) o respeito no esporte e não incentivo a competição.
- f) a vida coerente extraclasse do professor.
- g) os critérios de avaliação claros e justos (considerando o currículo formal, informal e oculto).
- h) os conselhos de classe criteriosos (em conformidade com os objetivos propostos e dentro da visão bíblico-cristã).
- i) na reunião de pais (conscientizá-los da importância da educação do lar e da necessidade do comprometimento deles no processo educativo).
- j) os diretórios estudantis, dentro da filosofia educacional adventista.
- k) a música apropriada.

- l) as programações consistentes.
- m) o traje docente e discente modesto.
- n) o exercício da tolerância e da justiça.
- o) a cantina ou restaurante com alimentação compatível com os princípios de saúde da fé adventista.
- p) os jardins coloridos e bem cuidados.
- q) as salas de aula arejadas e iluminadas naturalmente.
- r) equipamentos funcionais.

Tudo deve estar no plano que integre a cosmovisão de um Deus que está a serviço da redenção do homem.

CONCLUSÃO

Uma pergunta se coloca: há alguma compatibilidade do pós-modernismo com o sistema educacional adventista? Knight (2001:100) destaca três idéias pós-modernas que são úteis: inicialmente, o questionamento da razão humana e do método científico e na excessiva confiança no projeto iluminista. Em segundo lugar, a “atenção dada à ética social e individual e responsabilidade do todo social”. Finalmente, o reconhecimento da linguagem ligada ao poder. E complementa:

No âmbito educacional, o pós-modernismo deve ser parabenizado por erguer a educação moral, por ajudar os educadores a ver mais claramente os aspectos políticos (poder) da educação e por encorajar os professores a auxiliarem seus alunos assumir suas responsabilidades sociais. (Knight, 2001:101).

A falha essencial do pós-modernismo é negar a revelação e a fé como fontes do conhecimento. Negando a verdade transcendental, a existência de Deus, a proposta educacional pós-moderna vê o professor apenas como ativista social e a educação como o espaço onde se pode construir elementos para mudanças sociais e conquista do indivíduo de seu *status quo*

A ordem oculta das coisas tão reivindicadas pelos pós-modernistas é entendido por nós como o poder de Deus que extrapola os métodos racionalistas humanos e nem se limitam a tubos de ensaios.

Por uma concepção falsa da verdadeira natureza e objetivo da educação, muitos têm sido levados a erros sérios e fatais. Tal engano é cometido quando interesses eternos ficam sem consideração na busca de vantagens temporais. (White, 1992:44).

Enquanto educadores adventistas, frente às exigências de uma sociedade em constantes mudanças, resta-nos indagar: Estamos fazendo a coisa certa? Estamos atendendo aos fins? E do ponto de vista científico e pedagógico estamos fazendo certo a coisa?

Somos conclamados a tornar viva a identidade da educação adventista, colocando, em benefício da sociedade humana, os valores de que esta educação é depositária, tornando a linguagem da fé acessível ao mundo pós-moderno e permitindo a necessária aproximação da religião com o mundo da ciência.

Nossos ensinamentos são preciosos, e não precisamos envergonhar-nos de dar à buzina o somido certo.

BIBLIOGRAFIA

- DOUGLASS, E. Herbert. *A mensageira do Senhor. O ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- GUELF, M. L. *Narciso na sala de espelhos*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, PUC, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. A "modernidade" na tradição literária e na consciência de hoje. Trad. Lea Porto de Abreu Novaes. In: __. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- KNIGHT, G. R. *Filosofia e educação*. Engenheiro Coelho-SP: Imprensa Universitária do UNASP, 2001.
- LAND, Gary. O desafio do pós-modernismo. *Diálogo Universitário* 8:1 – 1996, CAUPA, Columbia Pike, Silver Spring, E.U.A.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. 2ª ed. Lisboa: D. Quixote, 1993.
- OLIVER, Anita. O pensamento pós-moderno e a educação adventista. *Revista da Escola Adventista*. 1º semestre de 2001, Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, UNASP – campus 2.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.
- RASI, Humberto. "Declaração da filosofia educacional adventista do sétimo dia", 2001; Andrews University, Silver Spring, E.U.A.
- WHITE, E. G. *Ciência do bom viver*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- WHITE, E.G. *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.
- WHITE, E.G. *Educação*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- WHITE, E.G. *O lar adventista*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- WHITE, E.G. *Orientação da criança*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.
- WHITE, E.G. *Testemunhos seletos*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988. Vol. III.
- WHITE, E.G. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira.